

# Semiótica Francesa: panorama e possibilidades na Linguística Aplicada

Dayane Celestino de Almeida

DOI 10.52050/9786586030617.c8

## Introdução

O intuito deste capítulo é apresentar uma visão panorâmica da Semiótica francesa<sup>1</sup>, e demonstrar que ela pode ter um lugar em meio às pesquisas de Linguística Aplicada. Nesta Introdução e na seção 1, faço uma breve apresentação da disciplina e seu modelo teórico-metodológico; a seção 2 se dedica a mostrar alguns dos diferentes domínios sobre os quais a Semiótica pode incidir. Por fim, a seção 3 informa sobre meus trabalhos, em andamento, embasados pela Semiótica, realizados no Departamento de Linguística Aplicada da Unicamp.

Desde que, em meados do século XX, os estudos linguísticos ultrapassaram a dimensão da frase e passaram a se ocupar também da dimensão textual e discursiva, teorias do texto e do discurso vêm sendo desenvolvidas para dar conta deste rumo de investigação no âmbito das ciências da linguagem. A Semiótica francesa (ou greimasiana<sup>2</sup>) é uma dessas teorias.

Herdeira da Linguística saussuriana, a Semiótica francesa (GREIMAS e COURTÉS, 2008 [1979]) destaca-se por ser concebida, em primeiro lugar, como uma *teoria da significação*, que busca desvendar a construção do

---

1 Iniciada por Algirdas Julien Greimas, na França, onde foi inicialmente proposta. Atualmente, é desenvolvida em outros países, inclusive no Brasil.

2 Uma revisão detalhada da teoria semiótica e seu modelo de análise pode ser vista em Barros, D. (2000; 2003), Fiorin (2005; 2008) e Greimas e Courtés (2008 [1979]).

sentido (ou “geração do sentido”) nos diversos tipos de texto. A Semiótica indaga como o sentido se produz e como ele se apreende; sua empreitada vincula-se à análise dos mecanismos e estratégias linguístico-discursivas da produção dos textos. Em segundo lugar, a Semiótica é uma *metodologia de análise*. O modelo de geração do sentido proposto (apresentado mais adiante) consolidou-se também como um modelo analítico.

Esclareço que existem outras disciplinas intituladas “Semiótica”, sendo que pelo menos duas são de grande reconhecimento do público em geral, a saber: a semiótica “peirciana” (cujo fundador foi o americano Charles Sanders Peirce) – uma teoria dos signos (e não da significação), baseada em um modelo de signo diferente do signo de Saussure; e a semiótica “russa” ou “da cultura” (iniciada por Yuri Lotman). Essas disciplinas têm objetivos ou pressupostos diferentes da Semiótica que ora apresento. Assim, doravante, sempre que o termo “Semiótica” for empregado sem qualquer modificador, estarei referindo-me à Semiótica greimasiana – também conhecida como “Semiótica da Escola de Paris”, ou “Semiótica discursiva”, ou, por fim, “Semiótica francesa”, como já venho empregando desde o título deste capítulo – e alguns de seus desdobramentos, pós estruturalismo<sup>3</sup>.

Uma característica importante da Semiótica diz respeito aos objetos sobre os quais ela incide. Pelo fato de ter surgido com forte base na Linguística, algumas pessoas, antes de um contato mais aprofundado, supõem que ela trate apenas de textos verbais; no entanto, ela também considera textos as manifestações não verbais (e, por conseguinte, as sincréticas). É que a Semiótica postula que texto é qualquer todo de sentido formado por uma expressão que manifesta um conteúdo – um desenvolvimento proposto pelo linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (2005 [1943]) da conhecida dicotomia “significante e significado”, de Saussure (2002 [1916]). Ou seja, não importa que “substâncias” estão na expressão, não importa se o que está manifestando os conteúdos são os sons e palavras de uma língua ou as cores e sombras da pintura, ou os movimentos da dança: as manifestações

---

3 Bertrand (2020) apresenta as cinco perspectivas contemporâneas mais proeminentes da Semiótica francesa, a ver: 1) A Semiótica das práticas, de Jacques Fontanille; 2) A Semiótica tensiva, de Claude Zilberberg; 3) A Semiótica das instâncias, de Jean-Claude Coquet; 4) A Semiótica das interações, de Eric Landowski; 5) A Semiótica da estesia, de Jean-François Bordron.

de conteúdos em diversas linguagens são, para a Semiótica, textos. A Semiótica também se interessa pela análise das práticas e formas de vida (Fontanille, 2008) e das interações sociais (Landowski, 2005).

Outra característica de destaque da Semiótica é que ela não se ocupa da gênese do texto, mas da geração do sentido. Para o semioticista-analista, em primeiro lugar vem uma análise imanente do texto, isto é, de suas relações internas, para, só então, ir em busca das suas conexões intertextuais ou contextuais, num movimento “de dentro para fora”. Note-se que foi dito aqui “só então”. Isso significa que nada impede que o semioticista considere em seus trabalhos o contexto externo, mas as conclusões a respeito deste devem *partir do texto*. Então, sim, a semiótica também considera o texto como objeto social e historicamente situado (veja, por exemplo, GREIMAS, 1976, p.237-239); o que ela *não* faz é levar em conta *a priori* e isoladamente os dados sócio-históricos, biográficos, psicológicos, etc. como justificativa para a emergência de certos efeitos de sentido.

Uma vantagem de uma disciplina como a Semiótica, ao mesmo tempo uma teoria e um método rigoroso, para análises de textos e discursos está em afastar o simples comentário ou a paráfrase interpretativa, bem como possíveis acusações de que determinada interpretação ou apreensão de sentidos e conteúdos seja subjetiva, já que um método tão bem “amarrado” e definido leva a resultados objetivos.

Nas próximas seções, pretendo adentrar um pouco mais o universo desta disciplina, apresentando brevemente seu modelo teórico “de base” ou “primeiro”, para, em seguida, mostrar a variedade de domínios sobre os quais a Semiótica pode incidir, o que a coloca em uma posição de destaque nos estudos da linguagem, justamente por sua capacidade de aplicação em análises e propostas que vão da poesia ao cinema, da educação ao discurso jurídico, dos textos visuais aos discursos políticos.

## Semiótica: breve incursão pelas categorias de análise

Como dito na Introdução, a Semiótica é, ao mesmo tempo, uma teoria do sentido e um método de análise de textos e discursos. Para dar conta de revelar como o sentido é gerado, entrou em cena a ideia de um “Percurso Gerativo do Sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 2008 [1979]). Esse percurso é, então, um modelo que simula a geração do sentido e que pode ser empregado como modelo analítico. Esta seção o apresenta brevemente.

Também foi dito na Introdução que a Semiótica considera o texto uma união entre expressão e conteúdo. Na verdade, um conteúdo é *manifestado* por uma expressão; fala-se em “plano da expressão” e “plano do conteúdo”. Independentemente da linguagem de manifestação (do plano da expressão), a geração do sentido no conteúdo funciona da mesma maneira (num “Percurso Gerativo do Sentido”, doravante PGS). Note-se, portanto, que o PGS é um simulacro metodológico que diz respeito apenas ao plano do conteúdo e que independentemente da linguagem (pintura, cinema, literatura, dança, etc.) as categorias de análise são as mesmas.

Os estudos semióticos em torno do PGS povoaram o início da Semiótica, que deixou de lado temporariamente o plano da expressão. Isto porque buscava-se um denominador comum, ou seja, um modelo de análise que fosse extensivo às diferentes linguagens; como o plano da expressão tem uma natureza diferente de linguagem para linguagem, esse denominador comum só poderia estar no plano do conteúdo. Um mesmo conteúdo pode ser manifestado por diferentes linguagens. Veja-se, como exemplo, o conteúdo do conto maravilhoso “Cinderela”. Ele pode ser manifestado por um conto literário, ou por um filme, ou por um ballet, ou por uma pintura, etc. Isso não significa que o plano da expressão em si não tenha papel na produção “global”, do sentido. Em textos de caráter mais utilitário, é comum que o plano da expressão seja geralmente apenas um veículo do conteúdo. No entanto, em textos de caráter estético, diversos tipos de relação entre expressão e conteúdo colaboram para adensar, reforçar, criar sentidos. Os estudos semióticos atuais reconhecem que para vários tipos de textos, a expressão *significa*, importa. Portanto, cabe ao analista inteirar-se sobre as especificidades de cada linguagem de manifestação.

Embora não haja ainda um consenso sobre um modelo único de análise da expressão (e das relações entre expressão e conteúdo), pelo menos três caminhos podem ser seguidos nas análises. O primeiro, bastante consolidado, é a observação de categorias do plano da expressão que estejam correlacionadas a categorias do plano do conteúdo, o chamado semissimbolismo<sup>4</sup>. Por exemplo, imagine-se um poema em que uma predominância de vogais abertas se oponha à predominância de vogais fechadas em passagens específicas e, ao mesmo tempo, cada uma dessas predominâncias esteja correlacionada a um dos pólos de uma categoria semântica que permeia todo o texto, digamos, “Identidade” versus “Alteridade”. O segundo é a observação de tentativas de se recriar ou simular no plano da expressão o que se diz no plano do conteúdo<sup>5</sup>. Por exemplo, no poema “Os Sapos”, de Manuel Bandeira, na quarta estrofe, o sapo-tanoeiro (parnasiano aguado) diz: “Vede como primo / Em comer os hiatos”. Justamente no verso em que diz que prima em comer os hiatos, ele “come” o hiato da palavra “hiato”, se considerarmos a métrica do poema todo (cinco sílabas). O terceiro, é valer-se da chamada semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2006; FONTANILLE e ZILBERBERG, 2001) – um desdobramento da semiótica greimasiana que vê o sentido articulado em termos de continuidades e descontinuidades, relaxamento e tensão, “explicando as oscilações afetivas e cognitivas no processo de significação” (TATIT, 2019) –, sendo que seus princípios, por serem bastante abstratos, podem dar conta tanto das questões do plano do conteúdo, quanto do plano da expressão.

Voltemos ao PGS. Como provavelmente já ficou claro, o plano do conteúdo é a “profundidade” do texto, é o que não se vê “logo de cara”. A já conhecida analogia com um *iceberg* vem bem a calhar aqui. O texto materializado é somente a ponta do bloco de gelo; muita coisa “existe” por debaixo dela, “escondida” em profundidade. Esse conteúdo profundo é, para a semiótica, o *discurso*, e, segundo seus preceitos, ele pode ser estruturado em patamares, em níveis, cada nível contando com um conjunto de categorias de análise.

---

4 Para aprofundamentos sobre a questão do plano da expressão na Semiótica, ver Lopes e Souza (2018), uma coletânea de trabalhos sobre o tema.

5 Para exemplos de análises das diversas relações entre expressão e conteúdo em poesia, incluindo relações semissimbólicas, ver Almeida (2007 e 2009).

Quanto mais próximo do plano da expressão (da ponta do iceberg) um nível estiver, mais complexo (no sentido quantitativo) e concreto ele é, com relação ao nível anterior, sempre mais simples e mais abstrato (isso vai ficar mais claro quando eu expuser um exemplo, mais adiante). São três níveis em que se organiza o PGS, chamados de nível discursivo, nível narrativo e nível fundamental. Vejamos a Figura 1, a seguir:

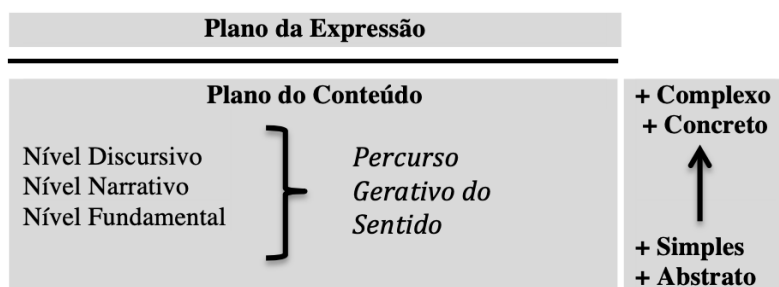


Figura 1: Plano da expressão e plano do conteúdo com o percurso gerativo do sentido

Cada um dos três níveis do PGS apresenta muitas categorias e não teria como apresentar todas elas no curto espaço deste capítulo, mas vou tentar mostrar ao menos o seu funcionamento com breves exemplos, incluindo um pequeno texto que compus apenas para esta tarefa<sup>6</sup>. Vamos ao exemplo:

*Ana não aguentava mais as picadas de pernilongo, nem o galo cantando às 4:30. Queria mesmo o barulho das sirenes e das buzinas de São Paulo, seus companheiros há tanto tempo que já não a incomodavam; pelo contrário: traziam o alento de estar na civilização. Queria seu apartamento sem insetos, sem nenhum tipo de animal. Aquele cheirinho de Veja Multiuso e não esse de estrume do sítio da avó. Arrumou as malas, deu uma desculpa para os parentes e caiu na estrada rumo à selva de pedra, o paraíso.*

Como já dito, um dos níveis do PGS é o nível narrativo. Não se trata de “narrativa” ou “narratividade” no sentido de “um texto narrativo”, uma história contada, mas sim de uma *organização narrativa que está “por trás”*

6 O leitor que desejar se aprofundar pode ver cada um dos níveis do PGS em Barros, D. (2000; 2003) e Fiorin (2005). Para ver a incorporação da análise tensiva, ver Tatit (2001).

(ou, para manter a metáfora da profundidade, “*por baixo*”) de todos os tipos de textos.

Esse nível costuma ser formulado em termos de transformações, envolvendo o ponto de vista de um *Sujeito* que está em busca de um *Objeto*. Se um *Sujeito* está em *disjunção* com um *Objeto*, a narrativa só começa quando este *Sujeito* “caminha” em direção a este *Objeto* para entrar em *conjunção* com ele (*transformando* seu estado). Dito de outro modo, quando um sujeito está em disjunção com um objeto, é essa “falta” que faz “andar” o texto.

Sujeito e Objeto são apenas “posições” gramaticais que serão preenchidas diferentemente em cada texto, assim como acontece na gramática da frase. Por exemplo, uma das estruturas de frase canônicas, em Português, é “Sujeito + Verbo + Objeto” e essas posições (Sujeito, Verbo e Objeto) estão sempre lá, em diversas frases diferentes. A diferença, então, está no que as preenche, no que as *figurativiza*, as reveste (pensemos, como exemplo, nas frases “O professor ensina matemática” ou “Maria gosta de bolo”).

Na gramática do texto<sup>7</sup>, tem-se ainda a posição de um *Destinador* que age sobre um *Sujeito* para que este entre em *conjunção* com um *Objeto*. Essas posições, num filme como *Karatê Kid* (1984), são revestidas por “Senhor Miyagi” (*Destinador*) agindo para que “Daniel san” (*Sujeito*) vença o campeonato de karatê (*Objeto*). Vejamos um exemplo na esfera jurídica: na Decisão Judicial de julho de 2018, do desembargador Rogério Favreto, que mandava soltar o ex-presidente Lula após a defesa deste ter entrado com pedido de habeas corpus (para detalhes, ver Venâncio, 2021<sup>8</sup>), temos que a defesa de Lula (*Destinador*) age sobre o desembargador Favreto ao entrar com o pedido de habeas corpus. Favreto aceita os argumentos da defesa (passa a *Sujeito*) e se põe a emitir a decisão que deveria culminar com a liberdade de Lula (*Objeto*). Voltemos um momento à história de Ana, longe de casa; nela, a posição de *Sujeito* é revestida por “Ana” e seu “*Objeto*” é voltar para casa.

---

7 Nem todas as etapas e posições do nível narrativo precisam estar sempre explícitas em um texto, mas elas estão sempre logicamente pressupostas.

8 Apesar desta decisão, o ex-presidente Lula não foi solto na ocasião; para detalhes do imbrólio jurídico que se sucedeu, ver Venâncio (2021).

Esses revestimentos (“Ana”, “Daniel san”, “Favreto”; “voltar para casa”, “campeonato”, etc.) estão no nível discursivo; eles são mais concretos do que simplesmente “Sujeito”, “Destinador”, “Objeto”. Vale ressaltar que não são apenas essas posições que podem ser concretizadas, mas também outros elementos do nível narrativo; pensemos na relação “Sujeito em disjunção com um Objeto” e em como ela pode ser revestida; em certo texto, ela pode aparecer como “alguém que quer uma mansão e não a tem”; em outro, como “um gato de rua que quer um lar e não o tem”; e num terceiro, “uma princesa que deseja se casar”, e assim por diante.

E qual é a importância de se saber essa correspondência? É que o nível discursivo é a chave para entendermos os temas e os valores que o texto põe em circulação, bem como os valores que ele exalta. E isso é melhor entendido se temos clareza do que o Sujeito quer. Se fizermos a pergunta “O que Ana quer?”, esse “Objeto” (nível narrativo) que é “voltar para casa” (nível discursivo), em conjunto com outras figuras presentes no texto, nos revela que por trás desse querer, por trás dessa vontade de Ana, está uma valorização do “urbano”, em detrimento aos valores do “rural”. Como sabemos disso? Pelas escolhas de palavras que aparecem no texto, relacionadas a dois espaços específicos — o sítio e o apartamento —, aliadas ao fato de Ana valorizar as coisas do “urbano”. Do lado do “rural” temos tudo de que ela não gosta (pernilongos, cheiro de estrume, o galo cantando, etc.). Do lado do “urbano”, tudo o que ela deseja (o paraíso, o apartamento com cheiro de produto de limpeza, etc.).

No texto sobre “Ana”, a oposição “rural” x “urbano” e a euforização de um desses pólos em detrimento do outro é a “base”. “Rural” e “Urbano” são temas cujo germe é uma oposição ainda mais abstrata que seria “Natureza x Cultura”. Essa oposição semântica (ou categoria semântica) mais abstrata é o que está no chamado “nível fundamental”. Para a Semiótica, os objetos que os sujeitos buscam no nível narrativo (que, como já mencionado, são “revestidos”, “concretizados” no nível discursivo) estão investidos de valores correspondentes aos termos de uma categoria semântica<sup>9</sup> que se instaura nesse nível mais profundo (o nível fundamental) que acabei de apresentar.

---

9 Exemplos de outras categorias fundamentais seriam “Vida x Morte”, “Liberdade x Opressão”, “Identidade x Alteridade”. Ou, seguindo uma orientação tensiva, categorias



Tal categoria semântica, diferente a cada texto, articula-se em termos de negação ou afirmação de seus polos. Ademais, as relações entre os pólos – contrariedade, contradição ou complementaridade – representam-se por um modelo lógico, o célebre “quadrado semiótico”.

Obviamente, o texto só surge quando efetivamente enunciado. Então, é preciso, logicamente, que haja um enunciador, assumindo e selecionando valores através dos níveis. Vale ressaltar também que as relações entre enunciação e enunciado e as múltiplas estratégias de que se vale o enunciador para engendrar efeitos de proximidade ou distância enunciativa também foram incorporadas pela semiótica<sup>10</sup>.

O leitor pode estar pensando “eu chegaria na mesma resposta para o texto sobre Ana, sem nenhum modelo de análise”. A minha resposta é: sim, provavelmente, mas note-se duas coisas: 1) o texto sobre Ana é apenas um exemplo simples; certamente, a análise de textos mais complexos se beneficia sobremaneira do emprego de um método; 2) mesmo que qualquer leitor consiga analisar textos curtos ou extensos, simples ou complexos, sem método algum, o emprego de um certamente confere objetividade à análise, afastando possíveis acusações de serem estas análises e as pesquisas que as englobam “apenas uma interpretação pessoal”.

## **Semiótica e seus objetos: aproximações com os objetos da Linguística Aplicada**

A Linguística Aplicada se interessa pelos usos e papéis da linguagem em contextos reais. É frequente o pensamento de que ela se ocupa apenas da linguagem num contexto educacional, sobretudo relacionado ao ensino e aprendizagem de línguas. Contudo, este é apenas um dos contextos que interessam os linguistas aplicados. Onde quer que a linguagem seja uma questão central, há espaço para a Linguística Aplicada, como este volume deve deixar claro.

---

com bem menos investimentos semânticos como “Parada x Continuação” ou “Relaxado x Tenso”.

10 Sobre Semiótica e Enunciação, ver Fiorin (2016).

Na medida em que a Semiótica é, como vimos, além de uma teoria da significação, uma metodologia de análise de textos de toda ordem, ela pode ser uma aliada do linguista aplicado, na análise de seus objetos; em outras palavras, pode ser mais um recurso na “caixa de ferramentas” do pesquisador. Assim, nesta seção, apresentarei, como exemplo, alguns estudos e análises desenvolvidos por semioticistas em contextos que interessam à Linguística Aplicada, tais como as relações entre a linguagem e o ensino, a linguagem e a política, a linguagem e cultura, a tradução intersemiótica, a linguagem e o direito, a linguagem e as novas tecnologias, etc. Obviamente, o capítulo não se aprofunda nestes estudos, já que a sua intenção é apenas fornecer uma visão panorâmica acerca dos objetos sobre os quais a Semiótica incide<sup>11</sup>, bem como deixar “migalhas” que conduzam o leitor interessado em um tal aprofundamento aos textos e pesquisadores correspondentes.

### ***Linguagem e Sociedade***

Muitos são os trabalhos que empregam o modelo semiótico como fio condutor<sup>12</sup> de suas análises em temas que podem ser agrupados sob o guarda-chuva “Linguagem e Sociedade”. Tal guarda-chuva é também empregado na Linguística Aplicada, abarcando trabalhos que se interessam sobre questões de linguagem das mais diversas, que envolvam os mais variados domínios, como linguagem e Direitos Humanos, linguagens e transculturalidades, linguagem e identidades, e muitos outros.

Os trabalhos de Semiótica que escolhi apresentar, tanto nesta quanto nas próximas subseções, são apenas alguns dos que julgo relevantes e cujos

---

11 Neste sentido, conferir Lopes e Hernandes (2005), coletânea com análises de textos em diferentes domínios, tais como música, literatura, dança, publicidade, etc. e Pietroforte (2004) sobre textos visuais.

12 Frequentemente como modelo principal, mas também aliado a outras disciplinas/teorias, como AD Francesa ou a Linguística Textual, entre outros. Também é preciso esclarecer que outros desenvolvimentos da Semiótica francesa, para além do modelo que delineei anteriormente são frequentemente empregados, sendo que, no Brasil, especial atenção tem sido dada à semiótica tensiva de Zilberberg (2006, 2007) à teoria das práticas semióticas (Fontanille, 2008).

objetos/*corpora* poderiam igualmente ser aqueles de uma pesquisa em Linguística Aplicada, ao menos se pensarmos nas linhas e pesquisas deste departamento na Unicamp.

Começo com Barros, M. (2019), que analisou alguns “memes” que circularam em 2018, durante a campanha do então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Ela mostrou como esses textos se edificaram a partir de uma estratégia enunciativa de atenuação e minimização da tortura, e como eles funcionam em termos de “acontecimento” *versus* “exercício” (conceitos chave na semiótica tensiva de Zilberberg, e.g. 2006, 2007).

Já Fulaneti (2010), analisou a estrutura e o funcionamento do discurso da Ação Libertadora Nacional (ALN) e da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), organizações da esquerda armada brasileira nas décadas de 1960 e 1970, principalmente conjugando conceitos da Semiótica e da Retórica, com centralidade para os conceitos de *éthos* e *páthos*.

Barros, D. (e.g. 2014, 2016) tem estudado discursos preconceituosos e intolerantes, inclusive na internet, procurando demonstrar como esses discursos se constroem “mais profundamente”, quais são seus mecanismos de funcionamento, “sejam eles discursos racistas, homofóbicos, puristas, etc., manifestados em diferentes esferas de ação, gêneros e tipos discursivos” (BARROS, 2014, p. 3660).

Fiorin (2016b) analisou, em termos de operações de triagem e mistura (Cf. ZILBERBERG, 2004), romances do século XIX, como evidência de que a ideia, infelizmente muito difundida, de que no Brasil não há racismo por sermos uma sociedade miscigenada na verdade “encobre um racismo profundamente arraigado na formação social brasileira” e de que “nossa sociedade se organizou sobre as bases da exclusão e não da participação racial” (FIORIN, 2016, p. 63). Ainda sobre racismo, vale citar o trabalho de Schwartzmann (2020) sobre discurso, racismo e sentimento de classe, e o de Farias (2019), que mostra as contribuições da semiótica para as investigações sobre o tema.

Schwartzmann e Portela (2015) analisaram as ocorrências do termo “LGBT” em resultados dos mecanismos de busca das revistas on-line *Veja.com* e *CartaCapital.com.br*, e descrevem o processo de construção dessa

identidade nas duas revistas, para entender como a mídia “trata a dimensão social da homoafetividade e da diversidade de gênero” (SCHWARTZMANN e PORTELA, 2015, p. 222).

A Semiótica também volta seu olhar para os textos jornalísticos. Por exemplo, Araújo (2009) analisa uma edição do telejornal *Jornal Nacional* demonstrando como ele faz para captar a adesão do telespectador e mantê-la durante a transmissão. Ele mostra, através da Semiótica, que o telejornal direciona o fluxo de atenção do público a partir de uma dimensão sensível (passional).

Diversos outros aspectos de nossa sociedade têm sido examinados sob a perspectiva da Semiótica. Como exemplo, trago Costa (2017), com um exame da construção da significação do discurso ecológico, focando em como circula a questão da “sustentabilidade”, unindo a Análise do Discurso francesa e a Semiótica greimasiana. Outro exemplo, que também poderia ser colocado ao lado dos estudos semióticos de manifestações artísticas, é o de Corrêa (2016) sobre inscrições urbanas. O autor propôs um estudo dessas inscrições, considerando-as quanto à sua história, sob o viés da prática, do texto e do objeto, mobilizando diversos autores e conceitos da Semiótica “tradicional” e da contemporânea. Por fim, o trabalho de Stange (2021) aproxima a Semiótica francesa dos Estudos Culturais e toma como objeto de estudo as narrativas do coletivo *Historias Desobedientes. Familiares de genocidas por la memoria, la verdad y la justicia*, surgido na Argentina, em 2017, e constituído por descendentes de crimes contra a humanidade, como os cometidos pelas ditaduras latino americanas.

Infelizmente, como já mencionei, o espaço aqui é curto para tantos temas e objetos que eu gostaria de mostrar, mas quero, ainda, deixar uma pequena lista de referências para exemplos de diferentes aplicações dentro do “guarda-chuva” de Linguagem e Sociedade: Silva (2020) e Barros, M. (e.g. 2011, 2019b), para Semiótica e Memória; Lemos (2010) e Floch (1990), para Semiótica e Publicidade; Gomes (2020), para a questão da desvalorização do discurso científico na sociedade atual; Bevidas (2006, 2020) e Zerbinatti (2019), para Semiótica e Psicanálise; Barros, D. (e.g. 2020), para uma abordagem semiótica das *fake news*; e Hernandez (2005) e Mendes (2010, 2013) para aspectos do discurso jornalístico.

## ***Linguagem e Educação***

As contribuições da Semiótica à Educação podem se dar em diferentes domínios, tais como o exame de livros didáticos, as propostas para ensino de interpretação e produção de textos, os estudos sobre o ensino à distância e, menos óbvio, o estudo de discursos e práticas discursivas que revelem aos estudantes os mecanismos de criação de sentidos dos textos aos quais são expostos dentro e fora da sala de aula, contribuindo para uma educação cidadã.

Em 2019, a revista *Estudos Semióticos*<sup>13</sup> publicou o dossiê *Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino*, em que se notam diversas dessas possibilidades. Na apresentação, as organizadoras destacam que tanto a Semiótica quanto outras teorias do texto e do discurso “vêm mudando a forma de abordagem do texto na escola, que passa a ser explorado em propostas que vão muito além de uma tradição parafrástica de interpretação” (Barros, D. et al, 2019). Nesse sentido, um bom exemplo de como ensinar leitura e produção textual a estudantes reside no livro *Para entender o texto: leitura e redação*, de Fiorin e Savioli (2007). Trata-se de um “livro-texto” para o ensino médio que tem como grande mérito apresentar conceitos e análises que se baseiam sobremaneira em teorias bem estabelecidas do texto de discurso, dentre elas e, em grande parte, na semiótica greimasiana, sem, no entanto, empregar de modo hermético a metalinguagem dessas teorias. Todo o raciocínio por trás da Semiótica está ali, mas em linguagem clara e direta, que permite ao aluno enxergar os mecanismos de construção dos sentidos, apropriando-se de um método de análise.

Numa aproximação mais clara com um tema caro à Linguística Aplicada, Sousa e Teixeira (2019) apresentam uma proposta, baseada na Semiótica, para o ensino de leitura e produção de textos, considerando a noção de multiletramentos<sup>14</sup>, sobretudo para análise de textos multimodais (ou

---

13 *Estudos Semióticos* (ISSN 1980-4016). Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/esse/index>>. Acesso em 23/02/2021.

14 Segundo Rojo e Moura (2019, p. 20), a ideia de multiletramentos “aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos

sincréticos). Para as autoras “A atenção à configuração semiótica desses objetos verbovisuais favorece o multiletramento, ao permitir que se compreenda a articulação entre as diferentes linguagens e a estratégia enunciativa que as reúne numa totalidade de sentido” (SOUSA e TEIXEIRA, 2019, p. 55).

Outras ideias trazidas pelas autoras são os letramentos enquanto práticas sociais, os sentidos que emergem dos próprios suportes em que os textos são veiculados, as especificidades dos hiperlinks e hipertextos, e a criticidade necessária para atuar no mundo em que os textos circulam, como por exemplo, de que modo lidar com questões comportamentais e de segurança na Internet. Tudo isso costurado por uma proposta em torno da semiótica francesa que considera também desenvolvimentos mais recentes do campo, a saber os de Fontanille (2008) que trata de práticas semióticas, níveis de pertinência e uma ampliação da ideia imanência.

Pereira (2019) apresenta a problemática da aproximação entre Semiótica e Ensino, trazendo os resultados de uma pesquisa bibliográfica sobre teses e artigos que se debruçaram sobre a questão, focalizando justamente a ideia de que a formação de professores se beneficiaria de uma formação em Semiótica, de modo que, no futuro, estes professores empregassem seus conhecimentos enquanto mediadores a ensinar estudantes a ler mais crítica e aprofundadamente textos de variada natureza. Este é também o tema de artigo de Bruning e Limoli (2010) com reflexões sobre a importância da semiótica nos cursos de formação de professores. Pereira (2019) traz também uma resenha sobre dois textos do próprio Greimas (um artigo e uma entrevista) com mais foco na caracterização do discurso didático (GREIMAS, 1979; GREIMAS e FONTANILLE, 1984 apud PEREIRA, 2019), isto é, com a semiótica enquanto ferramenta de análise desse tipo de discurso.

Terra (2019) faz uma análise da construção de sentido em enunciados de atividades em livros didáticos de disciplinas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Segundo o autor “Os resultados mostram que nos vários tipos de atividades há um efeito de sentido de proximidade, revertendo

---

letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.)”.

a assimetria aluno/professor característica dos livros didáticos mais antigos” (TERRA, 2019, p. 262). Gomes e Gomes (2013) também analisam livros didáticos, desta vez os de inglês, desnudando as estratégias de figurativização destes manuais, numa análise de elementos verbais e não verbais. Felicíssimo (2009), por sua vez, faz um estudo das representações da leitura em manuais didáticos de Língua Portuguesa.

Ressalto, ainda, o trabalho de Barros, D. (1985) sobre redações de vestibulandos da FUVEST, ressaltando as relações entre discurso e contexto sócio-histórico, a partir de uma análise semiótica.

Por último, gostaria de trazer o trabalho de Pereira (2012) que analisou enunciados encontrados na mídia sobre o tema “Educação a Distância” como um fenômeno no limiar entre o velho e o novo, entre práticas escolares tradicionais e inovadoras. A autora procurou entender qual imagem de EaD surgia da totalidade desses enunciados, também empregando o modelo teórico da Semiótica.

### ***Linguística Forense***

A Linguística Forense é considerada uma subárea da Linguística Aplicada em diversas Universidades mundo afora. Ela não é simplesmente a análise linguística do discurso jurídico, mas, majoritariamente, a aplicação de conhecimentos dos estudos linguísticos e discursivos à resolução de problemas de ordem mais “prática” na esfera criminal ou judicial. Uma tarefa comum é analisar textos de modo a descobrir alguma coisa sobre aquele que o escreveu. Assim, a pergunta “Quem escreveu este texto?” pode surgir porque os textos são anônimos, assinados por pseudônimos ou porque há uma disputa ou dúvida com relação a sua autoria. Em trabalhos anteriores (ALMEIDA, 2015; 2016; 2018), empreguei a Semiótica, em conjunto com a Sociolinguística (LABOV, 2008; ECKERT, 2012) para tratar de duas questões relativas ao problema de atribuição de autoria no que diz respeito aos estilos linguísticos e discursivos individuais ou de grupo em contextos forenses.

A primeira delas (ALMEIDA, 2015; 2018) era “como depreender de um conjunto de textos algum grupo social não demográfico ao qual pertence

o seu autor?” (questão primordial em várias situações criminais e judiciais em torno da autoria textual). Para respondê-la, analisei alguns textos encontrados pela polícia durante a investigação do que ficou conhecido como “Massacre de Realengo” (ocorrido no Rio de Janeiro em 2011), focalizando a recorrência semântica na figurativização (nível discursivo) como “criadora” do efeito de sentido de pertencimento do enunciador a um determinado “grupo social”<sup>15</sup>. Ali, mostro que em contextos investigativos, suspeitos poderiam ser eliminados ou incluídos pela polícia com base na diferença ou semelhança figurativa e axiológica de seus textos.

A segunda questão era “como depreender estilos individuais, marcas recorrentes de autoria, em casos com textos de diferentes gêneros, com diferentes propósitos, sabendo-se que existe variação intrafalante?”. Demonstrei (ALMEIDA, 2015; 2016), por meio de análise qualitativa e quantitativa, que categorias semióticas, sobretudo as de nível narrativo e fundamental, bem como as tensivas realmente são capazes de distinguir autores, oferecendo assim um método alternativo de depreensão de autoria que preenche a lacuna apresentada pela pergunta que motivou o estudo.

Os trabalhos de Harkot-de-la-Taille (2020) e de Barros e Fiorin (2020) também demonstram a aplicabilidade da semiótica em perícias forenses, relatando, inclusive, casos reais em que atuaram como peritos.

### ***Tradução intersemiótica***

Grosso modo, a tradução intersemiótica é adaptação ou transposição dos conteúdos totais ou parciais de um texto de uma linguagem (na qual foi originalmente composto) para outras. Estudar estes processos tem sido do interesse de linguistas aplicados, como foco em diferentes aspectos. Do ponto de vista da Semiótica, cabe analisar, dentre outras coisas: a)

---

15 Especificamente sobre indivíduos como parte de grupos que se constituem linguístico-discursivamente, Greimas (1981 [1976], p.42) afirma que as pessoas podem participar “não de grupos sociais propriamente ditos, mas de ‘comunidades de linguagem’ restritas, de grupos semióticos caracterizados pela competência que possuem [...] os indivíduos que deles fazem parte para emitir e receber certo tipo de discurso”.



Que elementos do plano do conteúdo da obra de origem são selecionados para serem “carregados” para a obra de destino e o que orienta essas escolhas?; b) Como e em que medida se preservam ou não os efeitos de sentido intencionados pelo enunciador da obra de partida?; c) Qual o papel das coerções do plano da expressão nessa manutenção ou ruptura dos significados e efeitos originais?

Na Semiótica brasileira, Mancini e colaboradores (e.g. 2016, 2017, 2019, 2020) têm sido destaque neste âmbito de investigação. Em termos de análises práticas, dentre muitos possíveis exemplos, cito Coutinho e Mancini (2016), que cotejam o ballet *O Lago dos Cines* com o filme *Cisne Negro*, de Darren Aronofsky (de 2010); destaco também Guimarães-Silva e Mancini (2016), analisando o filme *Apocalypse Now* (de Francis Ford Coppola, 1979) baseado no livro *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad.

## Meus trabalhos em andamento

Três são os meus trabalhos em andamento no Departamento de Linguística Aplicada da Unicamp, tendo como base a Semiótica francesa. O primeiro tem a ver com formação de leitores e vídeo-resenhas de livros no YouTube. “Booktubers” são os influenciadores digitais que possuem canais sobre Literatura nesta plataforma. São importantes difusores da leitura, principalmente entre o público jovem, atuando como instrumento de formação de leitores. As resenhas literárias que produzem são textos claramente avaliativos e que condensam elementos de determinadas obras, instaurando nos seguidores-leitores um *querer-fazer* ou um *crer* sobre os livros comentados. Assim, minha pesquisa tem por objetivo realizar uma análise que desvende como a condensação, avaliação e persuasão se apresentam/constroem nesses textos, comparando resenhas de pelo menos dois *booktubers* sobre um mesmo romance. Procuo verificar que elementos da sintaxe ou semântica do plano do conteúdo (fundamentais, narrativos, discursivos) e tensivos dos romances são recuperados ou enfatizados nas resenhas. Numa fase futura, serão realizadas análises comparativas *interbooktubers* para verificar se um mesmo *booktuber* emprega os

mesmos recursos semióticos para construir resenhas de diferentes livros, o que poderia apontar para um determinado estilo desses enunciadores. Adicionalmente, será realizada uma pesquisa com questionário destinado a potenciais leitores das obras e/ou espectadores das resenhas, procurando correlacionar certos *modos de dizer*, isto é, certas estratégias de construção do sentido dos vídeos ao interesse despertado nesses indivíduos.

O segundo trabalho em meu horizonte, ainda numa fase bastante inicial, é a análise de traduções de poemas da Língua Portuguesa para a Libras, o que se configura como uma tradução *interlínguas* e ao mesmo tempo, *intersemiótica*.

O terceiro é uma investigação dos chamados “Crimes de Linguagem”<sup>16</sup>, que são crimes cometidos *por meio* da linguagem, como, por exemplo, injúria, difamação, assédio, suborno, ameaça, extorsão, etc. Meu intuito é investigar esses crimes em busca de sua caracterização em termos semióticos, bem como analisar a axiologia e os mecanismos linguístico-discursivos de decisões judiciais sobre processos reais.

## Considerações Finais

Em todas as áreas e objetos aqui mencionados, poderia ainda haver muito mais exemplos de aplicação da Semiótica. E todos os exemplos aqui citados poderiam também ser analisados por outras teorias do texto e do discurso. A vantagem da Semiótica está em ser uma ferramenta consolidada de análise, com um modelo, um método analítico robusto e bem estruturado, que tem se provado, década após década, eficaz na análise de vários tipos de textos e discursos, manifestados por diferentes linguagens.

Muitos linguistas aplicados, interessados em diferentes domínios da linguagem no seio da vida social podem se beneficiar em contar com a Semiótica francesa no rol de teorias e modelos que podem lhes servir de norte ou, ao menos, de auxílio, em suas empreitadas.

---

16 Para uma revisão de tais crimes, ver Solan e Tiersma (2005) e Shuy (2005).

## Referências

- ALMEIDA, D. C. (2007). Análise semiótica de ‘Nova poética’, de Manuel Bandeira. *Todas as letras: revista de língua e literatura*, v.9, n.1.
- ALMEIDA, D. C. (2009). *Semiótica da poesia: estudo de poemas de Paulo Henriques Britto*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ALMEIDA, D. C. (2015). *Análise forense de autoria textual: estilos sociais e individuais*. Tese (Doutorado) – FFLCH-USP.
- ALMEIDA, D. C. (2016). Semiótica greimasiana na atribuição de autoria textual: contribuição à linguística forense. *Estudos semióticos*, v. 12, n. 2, p. 67-81.
- ALMEIDA, D. C. (2018). Universo discursivo dos textos do “Massacre de Realengo”: por uma ampliação da noção de perfil sociolinguístico em contextos forenses. *Estudos semióticos*, v. 14, n. 2, p. 118-138.
- ALMEIDA, D. C. et al. (Orgs.) (2020). *Perspectivas em Linguística Forense*. Campinas: Publicações do IEL-Unicamp.
- ARAÚJO, J. J. (2009). Práticas de direcionamento do fluxo de atenção no telejornalismo. In: DINIZ, M. L. V; PORTELA, J. C. *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. UNESP/FAAC.
- BERTRAND, D. (2020). *Chemins sémiotiques, entre linguistique et anthropologie*. Conferência no “Abralin ao vivo”. Disponível em <<https://youtu.be/pFwZr6i8wfc>>. Acesso em 27/03/2021.
- BARROS, D. L. P. (1985). *A festa do discurso: teoria do discurso e análise de redações de vestibulandos*. Tese de Livre- Docência, FFLCH-USP, São Paulo.
- BARROS, D. L. P. (2000). *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 2a. ed. São Paulo: Humanitas.
- BARROS, D. L. P. (2003). Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (Org) *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto.
- BARROS, D. L. P. (2011). A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*, p. 255-270.
- BARROS, D. L. P. (2014). O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. In: *XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina - ALFAL*, 2014, João Pessoa-PB. João Pessoa - PB - Brasil: UFPB/Ideia. v. 1. p. 3660-3671.
- BARROS, D. L. P. (2016). Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 58, n. 1, p. 7-24.
- BARROS, D. L. P. (2020). As fake news e as anomalias. *Verbum: cadernos de pós graduação*, v. 9, p. 26-41.
- BARROS, D. L. P. et al. (2019). Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino. *Estudos semióticos*, v. 15, p. I-IX.
- BARROS, D. L. P; FIORIN, J. L. (2020). A autoria na Linguística Forense: questões de enunciação. In: ALMEIDA, D. C. et al (Orgs.). *Perspectivas em Linguística Forense*. Campinas: Publicações do IEL-Unicamp.

BARROS, M. L. P. (2019). Os sentidos da tortura: uma análise semiótica das eleições presidenciais de 2018. *Discurso & Sociedad*, v. 13, p. 495-514.

BARROS, M. L. P. (2019b). Pequena semiótica da memória. *Estudos semióticos*, v. 15, p. 122-135.

BARROS, M. L. P. (2011). *O discurso da memória: entre o sensível e o inteligível*. Tese (Doutorado) – FFLCH-USP.

BEIVIDAS, W.; RAVANELLO, T. (2006). Identidade e identificação: entre semiótica e psicanálise. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 50, n. 1.

BEIVIDAS, W. (2020). Psicanálise e Semiótica: situação em 2020. *Estudos semióticos*, v. 16, n. 1, p. 11-29.

BRUNING, K.; LIMOLI, L. (2010). Reflexões sobre a importância da semiótica nos cursos de formação de professores. VIII SEPECH - *Seminários de pesquisas em ciências humanas*. Londrina: UEL. p. 1123-1142.

CORRÊA, T. M. (2016). *Inscrições urbanas: abordagem semiótica*. Tese (Doutorado) – FFLCH-USP.

COSTA, J. L. (2017). *Sustentabilidade e semiótica: entre ética e estética*. Tese (Doutorado) – FFLCH-USP.

COUTINHO, M. S.; MANCINI, R. C. (2019). Django livre: do cinema para os quadrinhos, uma tradução intersemiótica. *Revista do GEL*, v. 16, p. 143-163.

ECKERT, P. (2012). Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. *Annual review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100.

FELICÍSSIMO, M. (2010). Uma análise semiótica e discursiva do discurso da leitura nos manuais didáticos de língua portuguesa. *Signum: estudos da linguagem*, v. 13, n. 1, p. 139-159.

FARIAS, I. R. (2019). Investigações sobre o racismo: contribuições da semiótica francesa. *Estudos semióticos*, v. 15, p. 184-195.

FIORIN, J. L. (2005). *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

FIORIN, J. L. (2008). *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto.

FIORIN, J. L. (2016). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Contexto.

FIORIN, J. L. (2016b). Identidade nacional e exclusão racial. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 58, n. 1, p. 63-75.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. (2007). *Para entender o texto: leitura e redação*. p. 431-431.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. (2001). *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas.

FONTANILLE, J. (2008). *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF.

FONTANILLE, J. (2008). Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, M. L.; PORTELA, J. C. (Orgs.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. São Paulo: Unesp/Faac, p. 15-74.

FULANETI, O. N. (2010). *Utopias em rotação: análise do discurso da esquerda armada brasileira*. 2010. Tese (Doutorado). FFLCH-USP.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (2008). *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix. [1979].

GOMES, R. S; GOMES, M. S. (2013). Sincretismo na figurativização da aula de inglês: análise de um livro didático. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 11, n. 1.

GOMES, R. S. (2021). A crise do valor da ciência: entre a exclusão e a participação. Apresentação oral na mesa redonda on-line *Brasil em crise: desafios semióticos*. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=e\\_vyE\\_Q5g18](https://www.youtube.com/watch?v=e_vyE_Q5g18)>. Acesso em 20/02/2021.

GREIMAS, A. J. (1976). *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques*. Paris, Seuil.

GREIMAS, A. J. (1981). *Semiótica e Ciências Sociais*. São Paulo: Cultrix. [1976].

GUIMARÃES-SILVA, L. G; MANCINI, R. (2014). Apocalypse Now e Coração das Trevas: o embate entre indivíduo e sociedade. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 12, n. 1, p. 233-257.

Harkot-de-la-Taille, E. (2020). Ethos e autoria: estudo de caso. In: ALMEIDA, D. C. et al. (Orgs.). *Perspectivas em Linguística Forense*. Campinas: Publicações do IEL-Unicamp.

HERNANDES, N. (2005). *Semiótica dos jornais: análise do Jornal Nacional, Folha de São Paulo, Jornal da CBN, Portal UOL, Revista Veja*. Tese (Doutorado) – FFLCH-USP.

HJELMSLEV, L. (2005). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.

LABOV, W. (2008). *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola.

LANDOWSKI, E. (2005). *Les interactions risquées*. Limoges: Pulim.

LOPES, I. C.; HERNANDES, N. (Orgs.). (2005). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto.

LOPES, I. C.; SOUZA, P. M. (2018). *Estudos semióticos do plano da expressão*. São Paulo: FFLCH-USP.

LEMOS, C. L. (2010). *Entre expressões e conteúdos: do semissimbolismo às categorias tensivas*. 2010. Dissertação (Mestrado). FFLCH-USP.

MANCINI, R. (2019). *Fronteiras fluidas: da tradução intersemiótica às linguagens híbridas projeto de pesquisa*. Projeto de Pesquisa.

MANCINI, R. (2020). A tensão entre tradução intersemiótica e linguagens híbridas. In: MANCINI, R; GOMES, R. (Orgs.). *Semiótica do sensível: questões do plano de expressão*. São Paulo: Editora Mackenzie, v. 1, p. 69-89.

MENDES, C. M. (2010). O conteúdo da fala do jornal nacional à luz da semiótica discursiva. *EntreLetras*, v. 1, n. 1.

MENDES, C. M. (2013). *Semiótica e mídia: uma abordagem tensiva do fait divers*. Tese (Doutorado). FFLCH-USP

PEREIRA, D. (2012). Limiar e limite no percurso de constituição da educação a distância. *Educação & Tecnologia*, v. 17, n. 1.

PEREIRA, D. (2019). Semiótica discursiva na Educação: caminhos possíveis. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2.

PIETROFORTE, A. V. (2004). *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto.

ROJO, R.; MOURA, E. (2019). *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial.

SAUSSURE, F. (2002). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix [1916].

SCHWARTZMANN, M. N.; PORTELA, J. C. (2015). Das ferramentas de busca ao texto: a construção da identidade LGBT em revistas digitais. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 13, n. 2, p. 221-251.

SCHWARTZMANN, M. N. (2020). Semiótica e vida social: discurso, racismo e sentimento de classe. Apresentação oral. In: ABRALIN. *Semiótica da quarentena: crise dos espaços, das identidades e dos afetos*.

SHUY, R. (2005). *Creating language crimes*. Oxford; New York: Oxford University Press.

SILVA, L. H. O. (2020). Em tempos de crise: a resistência do sentido. Apresentação oral na Mesa Redonda On-Line Brasil em crise: *desafios semióticos*. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=e\\_vyE\\_Q5g18](https://www.youtube.com/watch?v=e_vyE_Q5g18).2020>. Acesso em 20/02/2021.

SOLAN, L; TIERSMA, P. M. *Speaking of crime: the language of criminal justice*. Kindle edition. Chicago; London: The University of Chicago, 2005.

SOUZA JÚNIOR, P.; MANCINI, R. (2017). Contar e participar: análise da tradução intersemiótica do videogame Assassin's Creed II para romance. *Caderno de Letras da UFF*, v. 27, p. 23-40.

SOUSA, S.; TEIXEIRA, L. (2019). Contribuições da Semiótica às práticas de multiletramento. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2. p. 46-62.

STANGE, V. (2021). Semiótica y Cultural Studies: cuando no se puede no tomar posición. Apresentação oral no Fórum de Atualizações em Pesquisas Semióticas.

TERRA, E. (2019). A construção de sentido em enunciados de atividades em livros didáticos. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2, p. 262-279.

TATIT, L. (2001). *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial.

TATIT, L. (2019). *Passos da semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial.

VENÂNCIO, R. (2021). *Da problemática do discurso à semiótica discursiva: uma análise das decisões judiciais do caso Lula*. Dissertação (Mestrado) – UFPB.

ZERBINATTI, B. (2019). Semiótica tensiva e psicanálise: o andamento na sessão analítica. *Estudos Semióticos*, v. 15, p. 146-155.

ZILBERBERG, C. (2004). As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, E.; CAETANO, K. O. *Olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo: Annablume.

ZILBERBERG, C. (2006). *Eléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim.

ZILBERBERG, C. (2007). Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 13, p. 13-28, jun.